

Ano 11, Vol XXI, Número 2, Jul-Dez, 2018, Pág.232-250.

INTELECTUAIS DA TRADIÇÃO E SEUS SABERES NA COMUNIDADE SÃO TOMÉ, EM PORTO DE MOZ-PA

Odília Cardoso
Nilton Santos
César Augusto Martins de Souza

RESUMO: Este artigo é um recorte da pesquisa desenvolvida na comunidade São Tomé. A comunidade que localiza-se no município de Porto de Moz/PA, na vila Maripí. Suas terras são ocupadas por sujeitos de ascendência negra, ribeirinha e indígena. Dentre as características da comunidade São Tomé destacam-se suas festividades religiosas, voltadas para a celebração e rituais referentes a santos que os moradores da comunidade consideram seus protetores, como São Tomé, Santa Ana e Santa Luzia. Desse modo, apresentamos neste artigo um estudo interpretativo voltado para os intelectuais da tradição e sua relação de *bem viver* entre si e com o espaço em que vivem analisando seu cotidiano na comunidade e suas festividades religiosas. Objetivamos assim, conhecer Seu Vicente, um *intelectual* da tradição de sua comunidade e sua relação de *bem viver* com a mesma e com a mãe terra. Para tanto, são interpretados relatos orais, coletados neste ano, de Seu Vicente, de alguns familiares e amigos próximos. Este artigo está dividido em três momentos, em primeiro lugar abordaremos o conceito de intelectuais da tradição presente na obra, *A Natureza me Disse* de Maria da Conceição de Almeida e Paula Vanina Cencig de 2007 relacionando com os tipos de saberes que estes sujeitos possuem. Em segundo lugar, versaremos sobre o conceito de *bem viver* de Alberto Acosta como um estilo de vida, em sua obra *O bem viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos* de 2016 e em terceiro lugar ofereceremos reflexões sobre como Seu Vicente mantém seus saberes e tradições por meio da relação de *bem viver* de Acosta (2016).

Palavras-chave: Intelectuais da Tradição, Bem viver, Festividades Religiosas, Comunidade São Tomé.

ABSTRACT: This article is a section of the research developed in the São Tomé community. The community is located in the city of Porto de Moz/PA, in the Maripí village. Its lands are occupied by black, riverine, indigenous and northeastern local descents. Among the characteristics of the São Tomé community are its religious festivities, focused on the celebration and rituals related to saints that the residents of the community consider their protectors, such as *São Tomé, Santa Ana and Santa Luzia*. Thus, we present in this article an interpretative study aimed at the intellectuals of the tradition and their relation of well living among themselves and with the space in which they live analyzing their daily life in the community and their religious festivities. We thus aim to meet Seu Vicente, an intellectual of the tradition of his community and his relationship to live well with himself and with Mother Earth. For this, are interpreted oral reports, collected this year, from Seu Vicente, some relatives and close friends. This article is divided in three moments, at first we will approach the concept of intellectuals of the tradition present in the work, relating to the types of knowledge that these subjects possess. Secondly, we will talk about Alberto Acosta's concept of well living as a way of life in his work *The well living - An opportunity to imagine other worlds* of 2016 and thirdly we will offer reflections on how Seu Vicente maintains his knowledge and traditions through Acosta's well living relationship (2016).

KEY-WORDS: Intellectuals of tradition, well living, religious festivities, São Tomé Community.

Introdução

O município de Porto de Moz é amazônico e ribeirinho e com diversas famílias vindas de rios próximos e mais distantes, localizados na Mesorregião do Baixo

Amazonas. Integra a microrregião de Almeirim, segundo levantamento feito por Otaviano Matos (2017), portomozense e estudioso da região. As comunidades que habitam este espaço, algumas ao centro do município, outras às margens do rio Xingu, são entre muitas, ribeirinhas, indígenas e quilombolas. Juntas constituem os rios, os rituais, as tradições culturais, de forma que seus saberes são construídos nas relações entre si e com a natureza. Têm a memória como ponto de equilíbrio, lutam por seus espaços, por reconhecimento e perseveram em face de dificuldades.

A comunidade São Tomé está localizada na Vila Maripi a 3 km da sede do município de Porto de Moz à margem direita do rio Xingu. Areia branca, muitas árvores e igarapés de águas claras compõem o cenário típico da Amazônia Xinguara. Dispõe de uma escola, um centro comunitário, trapiche longo, bem estruturado para atracar embarcações de pequeno, médio e grande porte, três altares um para cada santo protetor e uma ramada para rituais religiosos e festividades. O trajeto para a vila se dá por meio fluvial em horários pré-determinados, com as mais diversas embarcações, seja de barco, lancha ou balsa, já os moradores da vila fazem uso de suas *catraias*¹, e é o transporte mais comum e usado entre eles, principalmente nas sextas feiras e sábados quando os pequenos agricultores e produtores da região fazem a feira em Porto de Moz, comercializando principalmente a farinha, os frutos do mato e as garrafadas, que curam resfriados, dores e inflamações em geral, constituindo a principal fonte de renda região.

Neste artigo, abrimos espaço para reflexões a respeito do que entendemos por intelectuais da tradição, como estes sujeitos se veem como entendem seus espaços e aplicam seus saberes em prol de todos numa relação de co-dependência entre si e com a natureza. Objetivamos assim, conhecer Seu Vicente, um *intelectual da tradição* de sua comunidade e sua relação de *bem viver* com a mesma e com a mãe terra. Para tanto, Seu Vicente, alguns de seus familiares e amigos próximos foram entrevistados em visitas realizadas neste ano. Este artigo está dividido em três momentos, em primeiro lugar abordaremos o conceito de *intelectuais da tradição* presente na obra, *A Natureza me Disse* de Maria da Conceição de Almeida e Paula Vanina Cencig (2007) relacionando com os tipos de saberes que estes sujeitos possuem. Em segundo lugar, versaremos sobre o conceito de *bem viver* de Alberto Acosta como um estilo de vida, em sua obra *O*

¹ As *catraias* são embarcações de pequeno porte com motor simples com capacidade de lotação de até três pessoas e faz-se necessário o uso de cuia para retirar a água que entra durante o trajeto.

bem viver – *Uma oportunidade para imaginar outros mundos* (2016) e em terceiro lugar ofereceremos reflexões sobre como Seu Vicente mantém seus saberes e tradições por meio da relação de *bem viver* problematizado na obra de Acosta.

No intuito de registrar seus saberes e suas memórias através da interação, ética e responsabilidade social, faz-se necessário uma leitura fundamental na construção deste artigo, em relação ao fazer etnográfico, trabalho do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), que nos convida a abraçar as faculdades do entendimento como recursos de obtenção de dados antes de ir a campo, e instiga a refletir sobre o olhar domesticado e acadêmico que o pesquisador geralmente tem ao descaracterizar seu objeto de estudo. Precisa-se então ter um olhar mais sensibilizado voltado às pessoas com as quais nos propomos a estabelecer um diálogo em nossas investigações, quem elas são, quais são seus saberes e suas ansiedades.

Para desenvolver o presente estudo, as teorias conversam com as vozes dos entrevistados numa relação de complementaridade, visando compreender as lógicas de São Tomé e seus moradores, pois as memórias, identidades e saberes envolvem uma complexidade de práticas sociais.

Intelectuais da tradição e do bem viver

O termo *intelectual da tradição* que é tratado neste item diz respeito à obra, *Natureza me Disse* de Almeida e Cencig (2007), fruto de um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o qual integra o programa de Pós-Graduação em Educação. Apresenta uma antologia de conhecimentos sistematizados pelo protagonista Francisco Lucas da Silva, ou Chico Lucas, como é conhecido, ao longo de sua vida. São apresentados conhecimentos que foram dialogados durante várias entrevistas frisando a relação do homem com a natureza. Ao definir o que é *intelectual* as autoras refletem que:

Intelectual é, mais propriamente, aquele que faz da tarefa de transformar informações em conhecimento uma prática sistemática, permanente, cotidiana; [...] aquele que apura o olhar; aquele que não se contenta com uma só interpretação, nem se limita a repetir o que já disseram. [...] Onde quer que se opere essa complexa arte do pensamento aí está em ação um intelectual. Por isso, podemos falar em intelectuais da tradição. Eles são os artistas do pensamento que, distantes dos bancos escolares e universidades, desenvolvem a arte de ouvir e ler a natureza à sua volta. (ALMEIDA E CENCIG, 2007, p.8) .

Desta forma, os intelectuais da tradição ouvem e interpretam a natureza a sua volta, demonstrando em suas práticas sociais, bem como em seus depoimentos, ser capazes de fazer uma leitura do lugar e de si e constroem saberes que transformam o modo de pensar o conhecimento. O protagonista Chico Lucas representa este tipo de intelectual ao afirmar que *é preciso saber ler a natureza, além de observá-la*. O processo de observação é passo integrante de muitos pesquisadores, porém alguns se limitam a apenas observar e a interpretação por vezes se limita a objetividade.

O capitalismo por sua vez, consolidou a ideia de que o único relacionamento que o homem deve ter com a natureza é o da apropriação de todos os espaços e formas de riqueza do planeta (HOBBSAWM, 2008). Domar a floresta selvagem significa se salvar antes de ser consumido por ela, sem se considerar como parte integrante da mesma, o homem se vê fora dela e como seu legítimo dono. A natureza assim passa a ser uma fonte lucrativa inexaurível aos olhos de quem a explora e o homem capitalista assume o dever de tirar todo o lucro possível e exportar seus bens se auto afirmando como soberano e controlador do indomável.

Para Chico Lucas essa separação entre homem e natureza não ocorre, ele não sente desejo de dominá-la e sim de entendê-la e vivê-la. Sua compreensão de natureza em nada se relaciona com os parâmetros de dominação do capitalismo. Chico Lucas entende que o sucesso de sua jornada está diretamente ligado a relação de respeito com a natureza. Ele compartilha histórias de sua infância, das relações pessoais que teve com amigos e vizinhos da sua comunidade, da idolatria ao pai como referência de conhecimento e sabedoria, aquele que sabe mais do que ele e deve ser respeitado acima de tudo, do seu encanto pela aprendizagem e do fato de se ver como doutor da natureza, já que a mesma o instiga a ser seu estudioso diariamente.

Ele faz sua própria leitura em muitas áreas de conhecimento porque na vida já assumiu muitas atividades, como agricultor, carpinteiro, músico, biólogo, entendedor de medicina natural e de fenômenos naturais, são tantas as identidades construídas a partir do que a natureza lhe oferece e muitos são os saberes que ele possui mesmo tendo pouco frequentado a escola.

Da mesma forma Seu Vicente, morador da comunidade São Tomé, é dotado de muitas ocupações, é líder comunitário, músico de instrumentos que ele mesmo ajudou a talhar, conhecedor de ervas e plantas medicinais e por isso produtor de sua própria

garrafada, é guia religioso, portador de memórias, *promoter* de festividades religiosas como São Tomé e Santa Ana, é conhecedor de quais frutos estão no exato ponto de maturação para cada festividade que ocorre em janeiro, julho e dezembro e é ponto de referência na vila num momento de necessidade. Ao narrar sobre como é sua relação com a natureza, do que esta lhe oferece aos rituais religiosos, da sua fonte de subsistência e do orgulho que ele tem em morar à margem do rio Xingu, Seu Vicente deixou claro que vive o conceito de *bem viver* através do constante diálogo com a natureza, seus saberes e sua cultura.

O conceito de *bem viver* é tratado pelo professor e ativista social equatoriano, Alberto Acosta como uma filosofia de vida, em sua obra *O bem viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos* de 2016, o autor faz uso deste termo como uma alternativa ao capitalismo e sua ideia de devastação socioambiental. O conceito surge na sabedoria indígena amazônica e em países sul-americanos, representa a construção de um novo paradigma que convida a sociedade a uma relação harmoniosa e inteligente com a natureza e a partir daí a romper e desenraizar com as noções de desenvolvimento que o capitalismo projeta como acúmulo de capital e exploração de recursos naturais. Acosta chama atenção ao que aparentemente está invisível, mas é tão forte quanto qualquer ameaça, o desenvolvimento. O ativista menciona que desde o século anterior, as mais diversas sociedades buscam o desenvolvimento como algo que precisa ser alcançado a qualquer custo, mesmo que isto represente um aumento nas desigualdades econômicas, políticas e principalmente sociais:

[...] o desenvolvimento como proposta global se institucionalizou em 20 de janeiro de 1949. Nesta época, o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, no “quarto ponto” de seu discurso perante o Congresso, definiu a maior parte do mundo como sendo “áreas subdesenvolvidas”. E anunciou que todas as sociedades teriam que perseguir uma só meta: “o desenvolvimento”. (ACOSTA, 2016, p. 198).

Tal pensamento energizou-se inesperadamente, a chamada para o desenvolvimento instigou os mais diversos programas a amparar todos os países que não fossem desenvolvidos, então em nome desta nova ideologia era preciso assegurar as áreas não desenvolvidas, tais áreas passaram a se chamar de subdesenvolvidas. Já que o termo subdesenvolvido é anglófono, no dicionário *Longman* de Língua Inglesa contemporânea, o prefixo *sub* quer dizer abaixo ou em nível abaixo de alguém ou de algo assim como em Língua Portuguesa. A etimologia deste prefixo significa algo

obsoleto, então o termo países subdesenvolvidos estaria propagando a ideia de subordinação e submissão destes aos países desenvolvidos. Para Acosta em nome do “desenvolvimento” se consolidou uma estrutura de dominação dicotômica desenvolvido-subdesenvolvido e a partir dessa dicotomia o mundo se organizou para alcançar tal desenvolvimento:

[...] por isso aceitamos a devastação ambiental e social em troca de conseguir o “desenvolvimento”. Negamos nossas raízes históricas e culturais para nos modernizarmos, imitando os países avançados, ou seja, modernos. Arquivamos nossos sonhos e nossas propostas. Fechamos a porta às possibilidades do que poderia ser uma modernização própria. Neste caminho, que implica em uma mercantilização extrema, aceitamos até mesmo que tudo se compra e tudo se vende. (ACOSTA, 2016, p.200).

Assim, para que os países determinados como subdesenvolvidos saiam desta condição, devem imitar os países desenvolvidos mesmo que isto signifique comprar o conhecimento e as práticas culturais alheias, negando seus próprios saberes e práticas ancestrais. Para Acosta (2016) o mundo precisa passar por mudanças profundas e radicais e parar de acreditar que as promessas de desenvolvimento e progresso irão se cumprir em algum momento. Para tanto, são necessárias rupturas significativas para aprender a desaprender o que vem nos impedindo de conviver bem em sociedade e em harmonia com a natureza. Para entender o que significa o *bem viver* é importante perceber:

[...] que não pode ser simplesmente associado ao “*bem-estar ocidental*”, é preciso começar recuperando a cosmovisão dos povos e nacionalidades autóctones. Este reconhecimento, plenamente, não significa negar uma modernização própria da sociedade, [...] Tampouco se marginalizam contribuições importantes do pensamento da humanidade, [...] Por esta razão, uma das tarefas fundamentais reside no diálogo permanente e construtivo de saberes e conhecimentos ancestrais com a parte mais avançada do pensamento universal, em um processo de contínua descolonização da sociedade. (ACOSTA, 2016, p.201).

A contribuição deste conceito nos convida a desempoderar a hegemonia ocidental e assumir outros pontos de referência, saberes e práticas como formas de conhecimento, nesse caso significa aprender com grupos antes considerados inferiores ou primitivos desde o colonialismo, assim como se propõe visibilizar e proporcionar voz aos seus intelectuais, aqueles que vivem e conhecem suas tradições, seus rituais, com suas formações vivenciadas e saberes construídos no cotidiano, portanto esta ruptura significativa proposta tem o papel de descolonizar a sociedade e descentralizar o poder ideológico vigente. Não se ocupa em negar a modernidade e suas tecnologias,

mas em respeitar o outro e o que este tem a contribuir visando um bem que contribua com todos e não seja restrito a apenas algumas parcelas da população como se tem feito.

Como ponto de partida no processo de descentralização da hegemonia e valorização do conhecimento tradicional, se descreverá como Seu Vicente apresenta sua vida na comunidade e interpreta seu próprio espaço. Nosso colaborador define sua vida na comunidade como muito boa, o espaço é calmo, afastado da confusão da cidade e afirma que mesmo que tivesse oportunidade não sairia de lá. Ao chegar na vila de barco, um trapiche longo, alto e bem estruturado nos recebe. Por curiosidade perguntamos ao Seu Vicente o porquê de um trapiche tão grande e ele nos informou que devido a acidentes que ocorreram num trapiche menor em outros anos, a comunidade reuniu e decidiu que algo poderia ser feito então se organizaram e reconstruíram um novo. Esta simples atitude já nos remete a repensar numa nova organização de vida que não prioriza lucro e sim a qualidade e segurança dos espaços de convivência social.

Com uma entrada que inspira confiança, a vila Maripí é espaço de convivência e lazer especialmente nos fins de semana quando moradores dos bairros de Porto de Moz se deslocam para momentos de banho e diversão em família. Quando indagado se os visitantes fazem uso correto do local, Seu Vicente afirma que ninguém vai para bagunçar, sempre que trazem seus lanches e suas coisas, arrumam e levam de volta ao final do dia e o espaço fica como o encontraram limpo e disponível. Os moradores da região têm uma boa relação com seus visitantes. É comum no fim de uma tarde de domingo algumas mulheres da vila prepararem bolo de macaxeira para oferecer e vender aos seus visitantes, o bolo sempre custa um preço simbólico e rende mais do que um momento de venda já que proporciona momentos de boa conversa e interação entre os moradores e seus visitantes mediante o por do sol na paisagem Xinguará.

A casa de nosso protagonista foi construída por seus avós às margens do rio Xingu com uma bela vista entremeada de árvores e pedras que parecem ter sido estrategicamente posicionadas daquela forma para compor um quadro. A casa é de madeira construída em palafita, tem três cômodos e abriga seus irmãos, seus filhos e seus netos. Cada um na casa tem a sua função, sua irmã por ser mais experiente faz parte das conversas e tomada de decisão quando ele precisa de alguma informação e de uma segunda opinião, ela geralmente se senta atrás dele ou ao seu lado durante uma conversa. Ela também orienta as mulheres em atividades do lar. Sua esposa cuida de

outros afazeres do lar, da colheita de alguns frutos e sempre o acompanha quando vai à cidade. Sua filha mais velha cuida da alimentação e trata grandes quantidades de peixe enquanto conversa com seus familiares. Suas noras lavam a roupa na beira do rio enquanto que as crianças por sua vez, observam tudo que acontece na casa e brincam quando não estão sendo solicitadas para realizar atividades mais simples. Assim como é possível observar em *A Cura que Vem da Natureza*, dissertação de Ana Débora da Silva Lopes, bióloga, antropóloga e professora da Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará, ao investigar sobre conhecimentos e práticas culturais em região da Amazônia brasileira, a autora registrou a relação de *bem viver*, discutida neste artigo, com o rio Iriri:

O rio Iriri é um dos recursos mais importantes para os beiradeiros, é sua rua, via de acesso à cidade, aos vizinhos, é fonte de recurso alimentar, faz parte de seu imaginário, meio de reprodução de vida. A importância de suas águas se manifesta nesses diferentes contextos do cotidiano, seja para colocar a mandioca de molho, seja para o consumo da família ou para suprir as necessidades dos afazeres nas moradias de um modo geral. Todas as famílias usam o rio [...], seja para lavar as vasilhas, lavar as roupas, tratar o peixe, tratar a caça, tomar banho. (LOPES, 2015, p. 45).

Os beiradeiros da Terra do Meio assim como os moradores da comunidade São Tomé ambos localizados no Estado do Pará, vem mantendo a relação de *bem viver* defendida por Acosta (2016) entre si e com o espaço em que vivem. Uma relação que tem respeito e aceitação ao outro como pontos de referencia, que é pautada em saberes e práticas culturais como formas de conhecimento válido e necessário no cotidiano de cada um, e maneja os recursos naturais com os quais se tem contato de forma consciente:

[...] sobre a existência de outra fonte para fazer o carvão e foi que ela me perguntou se havia notado um pé de árvore cheio de flores amarelas próximas à beira do rio. Essa seria a outra fonte para fazer carvão, mas me explicou que nessa época do ano (Julho) ainda não dá para cortar para fazer o carvão. Fiquei curiosa achando que poderia ser uma proibição da legislação ambiental ou algo do tipo e perguntei o porquê de não poder cortar a árvore, foi então que surgiu a resposta: ‘nessa época do ano a árvore está cheia de flor e as abelhas estão usando, aí quando chegar setembro, que não tem mais flor, nós pode cortar para fazer lenha que aí as abelhas já usaram para fazer o mel’ (LOPES, 2015, p. 96)

Lopes analisa como, em meio a uma relação mais profunda da comunidade com a fauna e a flora, que respeita o tempo certo da natureza, crianças nascem e aprendem a cuidar de seu espaço, assumem papéis e têm orgulho de suas atribuições, de

forma que todas as atividades tem uma razão de ser e cada individuo assume a atividade com a qual se sente mais confortável respeitando seus limites físicos e afinidades.

Em São Tomé, os filhos homens de Seu Vicente por sua vez, cuidam e reparam a casa, para os períodos de festividade além de trabalharem na manutenção das *catraias* que ficam ancoradas na porta de sua casa. Os demais jovens da comunidade realizam também esta mesma atividade. São responsáveis principalmente pela manutenção das *catraias*, cada uma amarrada às ripas fincadas no fundo do rio em frente as suas respectivas casas. Durante a manutenção pode-se notar que há um saber no ato de lidar com a *catraia*, seja na hora de usar, guardar ou reparar. É comum retirar e guardar o motor em casa, Seu Vicente ao ser indagado sobre o ato de guardar em casa, este se manifestou:

Não é que alguém vai levar o motor ou a *catraia* embora, é que você conhece o rio assim, manso, calmo, mas de vez em quando ele se enfurece e leva tudo que tá na frente, afunda barco até na beira, perdemos amigos daqui da comunidade assim, não tivemos nem festividade em respeito aos que se foram então é melhor guardar em casa pra não perder. (Conversa com Seu Vicente em 15 de Março de 2018).

Esse saber dentre outros, pairam no ar da comunidade, já que a sistemática de manutenção desenvolvida funciona plenamente todos entendem que se algum procedimento não for cumprido há chance de haver consequência. Vale ressaltar que esse meio de transporte é responsável pelo trânsito fluvial da maioria dos moradores da comunidade e tem sua fabricação também *in loco*. O ato de sua fabricação requer habilidades de um carpinteiro e de um artista, pois, além de uma *catraia* ter estrutura funcional de madeira ela possui adornos na sua estrutura e pinturas na sua parte externa, algumas em reverência aos santos da comunidade, outras com exaltação à natureza, e como todo artista o faz, suas assinaturas ficam sempre registradas. Esse meio de transporte é feito com madeira de *itaúba*².

O primeiro passo na fabricação da *catraia* é a retirada da *itaúba*, depois talhá-la em conformidade com a preferência do carpinteiro. Sua estrutura comporta os braços, os quais ficam na parte interna da *catraia* e são responsáveis pela estabilidade, os assentos e a parte externa. Com relação a esta prática artesanal, Mendes (2010), em seu trabalho

² *Itaúba* é a melhor madeira existente na região segundo os ribeirinhos, já que sua duração perdura por anos.

intitulado *Memória e tradição no saber-fazer das louceiras do Córrego de Areia* apresenta a construção de um dos saberes da comunidade das louceiras, que está fundamentada em conhecimentos estabelecidos e transmitidos pelos seus próprios *intelectuais da tradição*, já que:

o aprendizado da produção artesanal não é obtido na escola, mas no próprio convívio com esse universo da criação, da experimentação, da arte. Ao mesmo tempo em que é coletivo, pois é a marca de um grupo ou de um lugar, o artesanato é individualizado, pois a liberdade e capacidade de gerar algo, o poder de criar e dar forma, é sempre único, determinado pelas “ideias na cabeça” do próprio artesão. (MENDES, 2010, p.2).

Com base nisso, percebe-se que o ato de fazer a catraia está vinculado a um conhecimento construído nas experiências vividas e transmitidas de um indivíduo ao outro. Logo, essa atividade está ligada às relações de heranças de saberes transmitidos entre gerações. Baseado nessa relação, Mendes (2010) mostra de que forma as práticas artesanais são incorporadas no saber dos moradores da comunidade das louceiras, ao afirmar que “desde muito cedo, as crianças convivem com o universo artesanal, dividindo espaço com as peças em processo de modelagem, auxiliando as mães no transporte dos objetos ou do barro” (MENDES, 2010, p. 3). Nesse contexto, podemos afirmar que a prática de saber fazer a catraia está baseada na relação familiar, permeada de conhecimentos que foram traduzidos pelos moradores mais antigos da comunidade de São Tomé assim como na comunidade das louceiras.

Outra prática comum na comunidade São Tomé, está relacionada aos moradores receberem um bilhete os convidando a participar das atividades da comunidade, quando não é possível comparecer a alguma destas também não há exigência ou julgamentos mediante sua ausência. Quando alguém precisa de um lugar para passar a noite no centro de Porto de Moz, os contatos logo são acionados pelos filhos ou netos por aparelho de celular para ajudar na estadia. Quando alguém está de mudança os pais preocupados com a ida de seus filhos ou netos para outra região mais distante, em busca de estudo ou trabalho, recorrem ao Seu Vicente para serem aconselhados e direcionados sobre quais as melhores opções.

Ao lado direito da casa, posicionado bem à frente, Seu Vicente nos apresentou ao altar de Santa Ana, uma capela simples usada para rituais e festividades religiosas e reuniões comunitárias mensais, que envolvem tomadas de decisões para o conhecimento e participação de todos. Ao lado esquerdo da casa, consta uma ramada para celebrações

de todos os tipos. Mais adiante Seu Vicente nos apresenta um igarapé de água limpa em tons esverdeados, próprio para banho, no qual as crianças passam boa parte da manhã. Nosso protagonista menciona outras famílias que habitam a comunidade e como tem um relacionamento harmonioso e de amizade com cada uma delas, em especial com a família de Dona Umbelina, que é sua conhecida de muito tempo.

Como tem sido apresentado até agora esta comunidade é exemplo do conceito de *bem viver* tão discutido por Acosta (2016). Este conceito é plural e une a ideia de viver bem em comunidade e viver bem com a natureza sem negar as vantagens tecnológicas do mundo moderno ou as possíveis contribuições de outras culturas e saberes. Também nos obriga a repensar a forma atual de organização da vida, no campo e na cidade, nas unidades de ensino, de saúde e nos espaços de convivência sociais, portanto cuidar um do outro nesta comunidade não é uma obrigação é parte de quem são, é natural.

Em São Tomé destaca-se que diferentemente da visão estereotipada que dicotomiza tradição e tecnologias, os moradores encontram pontos de convergência que possibilitam uma relação mais próxima com a natureza, sem prescindir de bens tecnológicos.

Neste segundo momento nosso colaborador fala a respeito da natureza e de seu tempo. Quando questionado a respeito de quais frutos são utilizados na decoração do mastro de São Tomé, ele respondeu que seriam os frutos que estivessem disponíveis na época da festividade, explicou que a natureza tem seu tempo e cada festividade tem o fruto que a natureza disponibiliza, podem ser bananas, a cana, a mandioca, o caju e o coco. Já os *frutos do mato* são o maior presente porque dão colheita o ano todo como o ingá, o tucumã e o caju-açu e servem de alimento para os porcos que são a *bóia*³ do dia da festividade.

A produção de farinha de mandioca é atividade de quase todas as famílias e também tem seu tempo para produção. Faz parte do processo de educação das crianças, a aprendizagem de produção de farinha. Em um primeiro momento, as crianças são levadas somente para observar o trabalho de produção de farinha, pois apenas quando atingem certa maturidade e entendimento começam a atuar nos trabalhos.

³ Bóia neste contexto quer dizer prato principal.

As sacas são levadas de barco para a zona urbana do município de Porto de Moz, para serem comercializadas na feira municipal. Para a realização desta atividade, os casais da região acordam às quatro da manhã para preparar e abastecer as *catraias* e, caso a noite anterior tenha sido de muita chuva ou se amanhecer chovendo mesmo em baixo fluxo, eles afirmam que não se recomenda ir para a cidade, já que a experiência demonstra que a calmaria do rio pode mudar a qualquer instante e por em risco toda a produção. Vale ressaltar que as roças, localizadas a poucos metros das casas dos moradores, são lugares onde ocorre a maior parte dos serviços realizados pelos homens, conhecida entre os membros da comunidade como *centro*, e fornece a maioria dos recursos cultivados, principalmente a mandioca, que serve para produção de muitas coisas como a farinha, a tapioca e o tucupi.

Nesses centros existem certas especificidades que valem a pena serem destacadas, já que mostram uma parte do cotidiano dos residentes na comunidade de São Tomé. A título de exemplo, com o canto do galo por volta das cinco horas da manhã, as figuras masculinas da comunidade começam a se deslocar de suas casas rumo à roça, com a finalidade não só de começar mais uma jornada de trabalho, mas também de conseguir recursos para as principais refeições do dia. Assim, os moradores da comunidade, criam meios para seu sustento, através de uma economia baseada na subsistência, construindo uma alternativa harmoniosa de lidar com as riquezas que a natureza oferece. Para exemplificar esta relação de harmonia que respeita o tempo de reestruturação ambiental, os moradores da comunidade plantam *manive*⁴, todos os anos no mês de janeiro com o intuito de repor tudo o que foi tirado no ano anterior.

Ao lado da casa de Seu Vicente encontramos árvores que nos chamaram atenção pela altura, e ele nos explicou que eram palmeiras usadas na confecção de brinquedos de miriti, que são amplamente comercializados durante festividades religiosas e geram boa renda na época de produção. Ao ser indagado sobre como funcionava a extração da matéria da palmeira para a produção do brinquedo, ele nos respondeu que era usado somente o necessário, já que a produção é de pequeno porte e a época dos círios passa rápido. Portanto, não havia motivo para extrair mais de uma palmeira, e esta ainda seria

⁴ *Manive* é uma planta que dá a raiz da mandioca, ela é plantada em janeiro, e a partir de oito ou nove meses, pode fazer a colheita das mandiocas e fabricar a farinha, entre outros alimentos.

compartilhada com outras comunidades próximas, com este exemplo, Seu Vicente conclui, *se a gente tirar o que não precisa, quando a gente precisar, a natureza não vai dar.*

Esta afirmação nos possibilita na prática social de São Tomé, compreender para além dos discursos político-ideológicos sobre desenvolvimento sustentável criticados por Dean (1996) em seu estudo sobre a devastação da Mata Atlântica. A lógica de apropriação da natureza pela comunidade permite entender a real definição de manejo sustentável. Para os moradores de São Tomé, para se produzir algo para subsistência é necessário respeitar o tempo da natureza, sem qualquer tipo de pressa em busca de lucro, nem retirar mais do que precisam. Seu Vicente demonstra entender e respeitar a natureza como um ser vivo que tem muito a contribuir, mas que também sabe castigar, além de ter sempre em mente que a diversidade da vida, diferentemente de resoluções da Organização das Nações Unidas, não se constitui em um recurso (DEAN, 1996), nem em propriedade de ninguém e sim em parte da humanidade e que deve ser respeitada em seus próprios tempos e quantidades.

Retomando a ideia de *bem viver* discutida por Acosta (2016), Seu Vicente parece concordar com este autor, pois em suas memórias e narrativas fica evidenciado como sua convivência com a natureza e com a comunidade ocorre, de modo diferente da lógica de desenvolvimento capitalista. Em suas vivências, é possível problematizar de modo concreto que existem possibilidades de se construir sociedades sustentadas em uma convivência humana mais próxima da biodiversidade.

Acosta (2016) demonstra preocupação e adverte com relação ao uso do termo de forma equivocada, por meio de sinônimos já estabelecidos que em nada ou pouco tenha relação com o conceito como sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável, desenvolvimento humano, eco-economia ou trabalho verde. Outra crítica levantada pelo autor diz respeito às teorias econômicas centradas no crescimento quando afirma que o crescimento não deve ser visto como gerador de economia e único meio para se “desenvolver”. A economia deve submeter-se à ecologia e não se colocar como se fosse sua dona, porque depende desta para sobreviver, já que se chegarmos ao ponto onde não há natureza para explorar, quanto haverá de economia? Por isso o autor clama que sejam atendidos os artigos na constituição do Equador no campo dos Direitos da natureza. Ou seja, no artigo 71 da nova constituição equatoriana, é a própria natureza o

sujeito dos direitos; se elevou a natureza a *Pacha Mama*, termo utilizado por povos tradicionais deste país e de outros da América do Sul, como o Peru, para se referir a mãe terra. Assim, segundo Souza (2014), a Constituição do Equador reconhece a *Pacha Mama* como titular de direitos, devendo ser respeitada integralmente a sua existência e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos.

Para entender melhor o porquê do artigo 71 é interessante ressaltar as reflexões de Rafaela Nogueira de Souza, procuradora federal especialista em Direito Processual pela Universidade do Sul de Santa Catarina que aborda a natureza como titular de direitos segundo a constituição do Equador. Souza (2014) relembra que o Estado equatoriano se delibera como plurinacional, no qual se persevera a tolerância à diversidade, composto por povos e etnias diversos que têm a mãe terra em comum como algo que transcende a definição de coisa e sujeito e, portanto a torna passível de direitos. Neste caso, a procuradora exemplifica que se em determinado momento um direito da natureza e um direito humano venham a se confrontar, faz-se necessário uma avaliação dos interesses conflitantes antes de se tomar uma decisão definitiva sob a justificativa de desenvolvimento. Conferir então direitos a natureza significa uma busca no equilíbrio entre a mesma e as necessidades dos seres humanos, além disso, denota reconhecer e incentivar politicamente a sua transição de objeto a sujeito, como sempre foi tratada por povos tradicionais sejam estes indígenas, ribeirinhos, quilombolas ou que vivem diretamente em contato com ela e precisam dela para coexistir.

Neste terceiro e último momento nosso protagonista compartilha seus saberes, tradições e suas memórias a respeito da forma geral como se organizam quando chega o tempo da festividade conhecida como *Levantação e Derrubação do Mastro de São Tomé*. Sem menosprezar o conhecimento e as contribuições das gerações mais novas, porque ele entende que têm muito a contribuir, Seu Vicente faz questão que todos os interessados em participar da festividade, pais, filhos e netos, compareçam numa reunião marcada, com três meses de antecedência, no altar de Santa Ana, capela construída por sua família ao de sua casa. Seu Vicente avisa que um bilhete será enviado às residências e quem responder ao bilhete deve se considerar, a partir deste momento, membro importante, dotado de papéis e atribuições que garantirão o sucesso do evento.

Nesta reunião inicial, Seu Vicente compartilha suas memórias a respeito da festividade realizada no ano anterior e incentiva os demais a fazerem o mesmo, no intuito de reconstituir os passos que tiveram sucesso e questões que precisam ser contornadas neste ano. Com relação aos papéis a serem desempenhados na festividade, Seu Vicente confirma primeiramente a participação do *festêro* que ganhou o direito de abrir a noite do santo no ano anterior no momento da derruba do mastro. É muito difícil algum morador recusar o papel de *festêro*, já que é considerado uma honra entre os moradores da comunidade, mas caso ocorra, é neste momento que as pessoas geralmente se manifestam.

Nosso colaborador passa então a perguntar quem estaria disponível para os demais papéis e solicita ao seu filho que tome nota dos pedidos para a confecção dos bilhetes, que são uma forma de oficializar a participação de cada um mediante o que foi conversado em reunião. Alguns papéis são exclusivos das mulheres, outros dos homens, e outros ainda das crianças. Porém uma vaga permanente de *festêro* é atribuída a Seu Vicente, uma vez que sua família trouxe a vila Maripí os rituais e festividades referentes a São Tomé, o que não significa ser o único responsável pela festividade, mas que alguém de sua família sempre participará, especialmente os mais experientes que possuem memórias e conhecimentos a respeito.

Em conformidade com o que tem sido apresentado, no artigo *Pelos Caminhos da Louvação*, Silva e Souza (2017) descrevem que a transmissão de papéis, com suas respectivas atribuições, é uma das principais características da manutenção da tradição da Festa de Todos os Santos na comunidade de Jurussaca no município de Tracuateua-PA. Neste contexto, os rezadores são os atores de maior destaque nos rituais de visitação das casas, pois são eles que entoam a ladainha. Seu Antônio, um dos protagonistas nessa análise, é mais respeitado no papel de rezador, por sua maior experiência. Para Silva e Souza (2017) as dinâmicas das estruturas burocráticas que compõem a Festa de Todos os Santos refletem que a burocracia tem papel de manutenção da tradição e não é vista e nem vivida como instrumento de manutenção do poder no cotidiano de seus moradores. Retomando o conceito de *bem viver*, tanto na comunidade Jurussaca quanto na comunidade São Tomé, reside na relação equilibrada entre os membros da comunidade e na organização e distribuição respeitosa de tarefas a serem desempenhas antes e durante a festividade religiosa.

No que concerne o mastro, este é figura importante na festividade. Para a comunidade a *levantação* do mesmo significa em primeiro lugar agradecimento aos cuidados de São Tomé e a natureza pelas colheitas, pela manutenção dos animais criados, pela mansidão dos rios, por todos os recursos naturais que são cultivados e compartilhados na região. A natureza aqui é tratada como um ser capaz de agradecer ou castigar dependendo de como o homem faz uso dela. Os moradores da comunidade são tementes à natureza e a São Tomé e tentam não desagradá-los. A *derrubação* do mastro representa um ano de virilidade aos homens que o derrubam e fertilidade às mulheres que o decoram e conseguem na derruba os itens decorados. A derruba é um momento muito aguardado por determinar quem conseguirá pegar a bandeira de São Tomé e ser o festêro da noite de abertura do santo no ano seguinte. Da mesma forma segundo Lopes (2015) os beiradeiros da Estação Ecológica Terra do Meio acreditam que:

No caso dos remédios usados para “levantar a moral do homem”, existe todo um procedimento na “fabricação” dos mesmos, em que todos os produtos devem ser raspados do tronco para a extremidade para que o chá funcione, por exemplo, quando utiliza o pênis da anta deve-se raspar o órgão seco sempre da base para a extremidade. Foi observado o mesmo comportamento com relação às cascas e folhas dos vegetais para fazer chá, mesmo as que não têm a função de aumentar o desempenho sexual masculino. Existe todo um cuidado ao coletar tanto as cascas quanto as folhas, de modo a coletar as folhas que estão em pé, nunca as que estão envergadas para baixo, e as cascas sempre no sentido de baixo para cima quando for para fazer o chá para as pessoas no gênero masculino. Esse é um cuidado para que o homem não perca a “força”, estando sempre disposto, está relacionado à manutenção da virilidade masculina (LOPES, 2015, p. 90).

Em ambos os casos acredita-se que os elementos da natureza estão diretamente ligados ao desempenho sexual masculino e feminino, à natureza e aos santos, é atribuído papel central. A todos que participam diretamente da *Levantação e Derrubação do Mastro*, denota honrarias e gozos que virão nos dias que sucedem a festividade. A relevância da festividade de São Tomé se traduz na harmonia e grandiosidade do evento em atrair pessoas não só de Porto de Moz, mas de todas as redondezas. Para esse público de visitantes e curiosos, é um momento de crença, devoção, lazer e até mesmo aventura, a começar pelo trajeto feito de barco, lancha ou *catraia*, que fica bem movimentado neste período. Para a comunidade, as festas religiosas são essenciais, pois estreita os laços com Deus, com os santos, com a natureza e com seus semelhantes. Começar a ter o *bem viver* como estilo de vida, que tem sua base nos ideais de comunidades tradicionais como foram aqui brevemente apresentadas, é possível e neste momento necessário. À sociedade então cabe construir, a partir destas

comunidades, novas bases de igualdade e novas formas de organização e produção necessárias às mudanças. A luta para por um fim na pobreza deve ter a mesma intensidade que a luta pelo fim da riqueza de minorias, entendendo que a reorganização e redistribuição não é tarefa simples. Segundo Acosta a base da transformação reside no encontro da Humanidade com a Mãe Terra, na desmercantilização das relações com a natureza e na plena vigência dos direitos da natureza em nível global.

Saberes, natureza e comunidade: uma interação equilibrada possível

A partir das observações e conversas coletadas na comunidade São Tomé, analisamos que os *intelectuais da tradição* aplicam seus saberes em *prol* de todos numa relação de co-dependência entre si e com a natureza. Diferentemente do que muitas vezes ocorre com os intelectuais das sociedades ocidentais-capitalistas quando se utilizam dos conhecimentos para excluir outras pessoas e assim deter algum tipo de poder, os intelectuais da tradição compartilham saberes com a comunidade.

Ouvir os relatos orais de seu Vicente e alguns familiares e amigos próximos, moradores da comunidade, se constitui em uma experiência que permite repensar práticas consolidadas em nossa sociedade. Os saberes aqui descritos são construídos no cotidiano e repassados entre gerações seja em festividades religiosas seja na produção e manutenção das *catraias* ou ainda no manejo consciente e na agricultura de produção da farinha e replantio da *manive*.

Tais práticas exemplificam a relação de *bem viver* entre estes sujeitos e a mãe terra. Estes sujeitos procuram entender a natureza em sua plenitude no intuito de conviver e viver dela sem exauri-la, até mesmo porque a veem como um ser vivo que colabora no sustento, nas atividades religiosas e no lazer de todos da comunidade. Esta relação de *bem viver* é pautada em bases de igualdade que reconhece a natureza como sujeito e respeita seus direitos, mantendo equilíbrio entre a mesma e as necessidades dos seres humanos. Neste caminho percorrido até aqui foi possível observar que Seu Vicente mantém seus saberes e tradições por meio da relação de *bem viver* discutida por Acosta (2016) ao narrar sua relação com a natureza e suas atividades cotidianas.

A principal intenção foi a de instigar reflexões sobre outras possibilidades de se construir uma sociedade sustentada na convivência respeitosa em consonância com a

natureza. Além de vislumbrar o que ocorre quando não negamos a cultura do outro, quando buscamos outros pontos de referência, de saberes e práticas como formas de conhecimento necessárias para romper com paradigmas estabelecidos. Desta forma, concluímos que ainda temos muito a aprender com os *intelectuais da tradição* aqui representados por Seu Vicente, na tentativa de superar o atual cenário ainda respaldado no capitalismo e na busca pelo desenvolvimento, necessita-se de uma urgente reconfiguração para de fato termos uma oportunidade para imaginarmos e vivermos outros mundos como sugere Acosta (2016) pautados na relação de *bem viver* de povos tradicionais presentes na região amazônica.

Referências

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária. Ed. Elefante, 2016.
- ALMEIDA, Maria da Conceição & CENCIG, Paula Vanina. **Francisco Lucas da Silva em A Natureza me Disse**. Natal: Flecha do tempo, 2007.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MATOS, Luis Otaviano. **Porto de Moz O caminhar histórico de um povo**. Ed. Podeditora, PMZ, 2017.
- MENDES, Francisca Raimunda Nogueira. **Memória e Tradição no Saber-Fazer das Louceiras do Córrego de Areia**. Florianópolis: Anais do Seminário Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades e deslocamentos. Agosto de 2010, p. 1-9. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276695529_ARQUIVO_Trabalho_completofazendogenero-Francisca.pdf. Acesso em 03.09.2018.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. Revista de Antropologia USP, v. 39, n.1, p.14-37, 1996.
- SILVA, Gláycy F. F. & SOUZA, César M. de. **Pelos caminhos da louvação: a festa de todos os santos na comunidade de Jurussaca**. *Nova Revista Amazônica*. Bragança-PA, ano V, v. 2, junho de 2017, p. 51-71.
- SOUZA, Danuta Rafaela Nogueira de. **A natureza como titular de direitos segundo a Constituição do Equador**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 19, n. 4178, 9 dez. 2014.
- Documentário **Os belos monstros da Amazônia – Grandes Projetos: resistência indígena e popular**. Publicado em 13 de dezembro de 2011. Realização CIMI Norte I. TV UFAM. Acesso em 01 de maio de 2018.
- <http://www.derechoecuador.com/constitucion-2008.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2018. Tradução nossa no corpo do texto.

Recebido em 25/5/2018. Aceito em 20/9/2018.

Sobre os autores e contato:

Odília Cardoso - Estudante de Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA), odiliacardoso86@gmail.com

Nilton Santos - Estudante de Graduação em Letras Língua Portuguesa pela UFPA polo Porto de Moz, niltonfilhosousadossantos@gmail.com.

César Augusto Martins de Souza - Professor do Campus de Altamira e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), cesar@ufpa.br.